

O compasso da festa

FERNANDO PEDREIRA

Tudo isso vos parece ridículo? Mas cada época arrasta consigo suas imundícies, suas imbecilidades, suas contraverdades, que os contemporâneos partilham quase sempre sem mesmo se dar conta. Eis porque o livro Nathaniel Wegl, "Karl Marx Racista", pode ser curioso mas nem por isso é mais convincente. Marx aparece, nos desvãos das suas cartas e escritos, como um escravagista: "Sem a escravidão", escreve ele, "a América do Norte, a mais avançada das nações, se transformaria numa nação patriarcal" — frase que, entretanto, se pode interpretar de várias maneiras.

Marx é também colonialista, partidário da supremacia dos brancos sobre os não-brancos. Pois não é ele quem escreve, em 1848, quando os norte-americanos tomam a Califórnia dos mexicanos: "Sem violência nada se realiza na história... pode-se considerar mau o fato de ter sido a Califórnia tirada das mãos desses mexicanos preguiçosos, que não sabiam o que fazer dela?"

Que quer dizer isso? Apenas que não se vive nesta ou naquela época sem ser marcado por ela, mesmo quando se é Karl Marx. E que o racismo, ainda que não colonize seu pensamento, certamente passa por ele e o colore (l'effleure). Não terá sido impunemente que Marx viveu em Londres, no centro do mundo (...)

As anotações acima são do historiador francês Fernand Braudel. Fazem parte de um livro que ele estava escrevendo quando morreu, e que ficou inacabado, mas que se vai publicar proximamente, na França.

Marx viveu e trabalhou em Londres (e também na Paris de Braudel e na Alemanha) e, embora fosse Marx, não teria escapado à influência ambiente. Eis aí uma lese cujo exame é freqüentemente evitado pelos críticos e analistas políticos, os quais têm medo de passar, eles próprios, por preconceituosos e... racistas.

Pois o fato é que existem hoje (existiam já no tempo de Marx) pelo

menos dois "racismos", dois preconceitos: um de cima para baixo, outro de baixo para cima. Um contra os coloniais, outro contra Londres. E ambos, deve-se dizer, muitas vezes justificados.

A isenção perfeita, a ausência absoluta de atitude preconceituosa, na verdade não é humana. E o mais curioso é que o peso intelectual de um ou de outro "racismo" varia segundo fatores diversos, mas obedece sobretudo à moda do tempo, à moda ambiente. Marx acreditava que a sorte da sociedade do futuro estava nas mãos dos operários industriais ingleses ou franceses, e não nos muíques russos, dos negros africanos ou dos atrasados camponeses mexicanos. Hoje, a grande maioria dos marxistas acredita no oposto, e com a mesma fé redobrada.

Mas, o que é afinal "racismo"? Em 1971, na Unesco, em Paris, o etnólogo Claude Lévi-Strauss, uma das melhores cabeças do nosso tempo, pronunciou célebre conferência (reproduzida no Brasil pelo "Estado") na qual ele estabelecia, ou reestabelecia, diferenças entre racismo e xenofobia.

Erguia-se o etnólogo contra a tendência contemporânea a banalizar a noção de racismo (que, a seu ver, designa uma doutrina falsa, mas bem determinada) e a fazer dela uma espécie de amalgama que já não quer dizer coisa nenhuma.

"Quando se denuncia como racistas", diz Lévi-Strauss, "o apego a certos valores ou o despreço por outros — atitudes desculpáveis ou condenáveis, mas profundamente enraizadas nas várias comunidades humanas — acaba-se num beco sem saída. As pessoas que denunciamos dizem para si mesmas: "Se racismo é isto, então eu sou racista". E me parece que desse modo acabamos fabricando racistas"...

Talvez o Karl Marx racista de Nathaniel Wegl (e de Braudel) tenha sido fabricado dessa maneira. Os mexicanos de 1848 eram mesmo indolentes — ou eram empreendedores? A Califórnia, em suas mãos, era uma região atrasada e estagnada?

Marx, como um bom e legítimo representante intelectual da primeira metade do século XIX, era um apaixonado, um fanático do progresso, da ciência e da revolução, três ideias que ele acabaria misturando numa só poção mágica capaz de mudar o mundo, ainda que às vezes no sentido oposto ao pretendido pelo mágico.

Mas Marx era também um extraordinário jornalista, um admirável observador e analista político (lembram-se do "18 Brumário") que dizia as verdades como as via, sem medo de ser chamado de colonialista ou de racista, mesmo porque a moda intelectual do tempo era outra — e quem fazia essa moda, quem ia fazê-la por muitos anos, ao menos na sua tão larga faixa de influência, era ele próprio, Karl Marx. E não os fariseus, os gigolôs intelectuais da esquerda, os "patrolheiros"...

A grande tragédia do México, costumam dizer os próprios mexicanos, é que ele está muito longe de Deus e muito perto dos Estados Unidos. Não é este o caso do Brasil e, provavelmente por isso, o jornalista Karl Marx (que eu me lembre) não chegou a escrever nada sobre o caráter dos brasileiros do seu tempo. Se tivesse escrito, é fácil imaginar o que teria dito... naquela época distante, podia-se falar com menos cerimônia dos povos e das suas qualidades porque também o nacionalismo (o nacionalismo que hoje ensanguenta o Oriente Médio e anima a revolução em dois terços do mundo) não só não estava ainda na moda, como era lido e havido como nefando e nocivo, detestável, por todas as pessoas inteligentes e progressistas.

As modas mudam, até porque a essência da moda é a mudança — escreveu certa vez o sábio Marcel Proust. O fato é que hoje, 140 anos depois do Manifesto Comunista, o Brasil é governado, não de Londres, mas de Brasília, e isto não deixa de produzir, sobre o País e suas classes políticas, algumas ominosas consequências.

Haverá um racismo brasileiro? Ter-se-á enraizado em Brasília um

chauvinismo burocrático, um novo colonialismo que justifica a impiedosa exploração dos cidadãos comuns pelos funcionários e estalocratas instalados nas torres douradas da Capital?

É muito possível. O racismo (devemos di-lo, apesar das reservas de Lévi-Strauss) é uma doença perversa e contagante. Os brasileiros, sejam eles meros burocratas, políticos, militares, economistas ou administradores, têm sobre o resto do País uma evidente superioridade funcional que justifica amplamente os seus privilégios, os seus jetons, os seus jatinhos, os seus poderes acachapantes.

São eles que estão com as mãos na massa. Quanto custa o quilo de tomate no supermercado da esquina? Brasília diz. Quanto vou pagar este mês de imposto da fonte? Brasília determina. E as taxas de juros? Dependem do Banco Central. Mas, tal como na Londres imperial do século XIX, o racismo de cima para baixo dos burocratas brasileiros acaba fazendo crescer no País um outro racismo de baixo para cima, ainda que à maneta brasileira, isto é, não-violento (não marxista), paciente e muitas vezes até bem-humorado.

E, 1984, na campanha das "diretas", essa espécie de "preconceito" do povo contra a incompetência dos parasitas (e dos ladrões) no poder acabou varrendo a república dos militares. Agora, em 88, o mesmo sentimento provocou a derrota, nas urnas, de quase três quartos dos antigos deputados e senadores pleiteando a reeleição.

E esperar para ver se os novos eleitos, reunidos agora em Assembleia Constituinte, entendem o recado. O mais provável porém é que, passados mais uns meses, por trás da fachada nova, tudo continue mais ou menos como sempre e a festa de Brasília retome o seu compasso, talvez ainda mais animada. Haja saco. E haja dinheiro — porque a corrupção, a incompetência, o parasitismo e a avidez dos burocratas e dos políticos custa cada vez mais caro.